

ENEIDA

Virgílio

Tradução: Tassilo Orpheu Spalding

Eles iam, obscuros, através da noite solitária, através da sombra e através das moradas vazias e do vão reino de Dite: tal é o caminho nos bosques, quando a lua é incerta, sob uma luz maligna, quando Júpiter mergulhou o céu na sombra e a sombria noite arrebatou às coisas sua cor.

No próprio vestíbulo, à entrada das gargantas do Orco, o Luto e os Remorsos vingadores puseram seus leitos; lá habitam as pálidas Doenças, e a triste Velhice, e o Temor, e a Fome, má conselheira, e a espantosa Pobreza, formas terríveis de se ver, e a Morte, e o Sofrimento; depois, o Sono, irmão da Morte, e as Alegrias perversas do espírito, e, no vestíbulo fronteiro, a Guerra mortífera, e os férreos tálamos das Eumênides, e a Discórdia insensata, com sua cabeleira de víboras atada com fitas sangrentas.

No meio, um olmeiro opaco, enorme, estende seus ramos e seus galhos seculares, morada, diz-se, que freqüentam comumente os Sonhos vãos, fixados sob todas as suas folhas. Além disso, mil fantasmas monstruosos de animais selvagens e variados aí se encontram: os Centauros, que têm seus estábulos nas portas, e as Cilas bifformes, e Briareu hecatonquiro, e o monstro de Lema, assobiando horripelmente, e a Quimera armada de chamas, e as Górgonas, e as Harpias, e a forma da Sombra de tríplice corpo.

Tremendo com súbito espanto, Enéias desembainha sua espada e apresenta a ponta acerada aos monstros que avançam; e se a sua douta companheira não o advertisse de que se tratava de tênues almas sem corpo, que volitavam sob um envoltório sem consistência, ter-se-ia precipitado sobre elas e em vão feriria as sombras com o ferro.

Daqui começa o caminho que conduz às ondas do Aqueronte do Tártaro: é um golfo que borbulha, vasto abismo de lodo que referve e que vomita todo seu limo no Cocito. Um barqueiro horrendo guarda estas águas, e os rios, Caronte, de terrível sujidade, cuja barba abundante, branca e mal tratada, lhe cai do queixo; seus olhos cheios de chamas são fixos; pende-lhe das espáduas o sórdido manto amarrado com um nó. Por meio de uma vara impele a embarcação, dirige-a com a vela e transporta os corpos na barca cor de ferrugem; já é idoso, mas sua velhice é sólida e vigorosa como a de um deus. Toda a multidão ali espalhada corria para a margem, mães e homens e corpos de magnânimos heróis, privados da vida, meninos e virgens e mancebos colocados nas fogueiras ante os olhos dos pais, tão numerosos como as folhas que giram e caem nos bosques ao primeiro frio do outono; tão numerosos como os pássaros que se agrupam, vindos do alto-mar para o continente, quando a fria estação os faz fugir através do oceano e os expulsa para as terras soalheiras. Agrupados, pediam que fossem os primeiros a passar, e estendiam as mãos na ânsia de atingir a outra margem. Mas o triste barqueiro acolhe ora estes, ora aqueles, e afasta para longe das margens aqueles que recusou.

Enéias, que este tumulto espanta e comove, interpela a Sibila: “Ó virgem, explica-me o que quer esta multidão junto do rio. Que pedem estas almas? Por que discriminação algumas são afastadas da margem ao passo que outras varrem com os remos essas ondas lívidas?” A velha sacerdotisa lhe responde abreviadamente: “Filho de Anquises, prole certíssima dos deuses, vês os marnéis profundos do Cocito e os paludes do Estige, cujo poder os deuses temem perjurar. Toda essa multidão que vês, são pobres que ficaram sem sepultura; aquele barqueiro é Caronte; aqueles que a onda conduz foram os sepultados. Não lhe é permitido transportar os mortos para as margens horríveis por cima das roucas ondas, antes que seus ossos tenham encontrado a paz do túmulo. Durante cem anos as almas erram e volitam ao longo dessas margens. Somente então, tendo sido admitidas, vêm por sua vez os marnéis tão desejados”. O filho de Anquises se deteve na sua marcha, pensativo, deplorando no seu

coração a sorte iníqua daquelas sombras. Lá ele vê, afligidos e privados das honras da morte, Leucáspide e o chefe da armada lícia, Orontes, que, partidos de Tróia com ele e sacudidos pelos mares tempestuosos, foram assaltados pelo Austro e engolidos na água com navios e homens.

Eis que se aproximava o piloto Palinuro, que outrora, na travessia do mar da Líbia, caíra da popa quando observava as constelações, e havia desaparecido no seio das ondas. Apenas Enéias reconheceu na sombra espessa o seu aflito amigo, dirigiu-lhe por primeiro a palavra: “Qual dentre os deuses, Palinuro, te arrebatou de nós e te mergulhou no seio da líquida planície? Vamos, dize. Pois Apolo, que anteriormente por mim nunca foi considerado mentiroso, enganou o meu espírito respondendo-me e prognosticando que nada havia a temer do mar e que chegarias aos confins da Ausônia. E assim que mantém a sua palavra?” Palinuro responde-lhe: “Não, o tripé de Febo não te enganou, filho de Anquises, meu chefe, e um deus não me mergulhou na líquida planície. Pois o leme cuja guarda me confiaste e ao qual estava agarrado com muita força, a fim de dirigir a tua rota, rompeu-se por acaso sob um golpe violento; precipitado, levei-o comigo. Juro pelos mares tempestuosos que não tive medo por mim, mas sim por teu navio, despojado de aparelhos e privado de piloto, não fosse ele capaz de resistir às tão grandes ondas que se erguiam. Durante três noites de tempestade, o Noto desenfreado por entre a imensidade da líquida planície me carregou sobre as águas; a custo, no quarto dia nascente, erguido no ar, na crista dum vagalhão, vi a Itália diante de mim. Nadava, aproximando-me pouco a pouco da terra; e já estaria em segurança, se gente bárbara, em me vendo com minhas vestes encharcadas, pesado de água, tentando agarrar com minhas mãos crispadas as saliências ásperas dum promontório, não tivesse caído sobre mim na ilusória esperança de despojos. Agora, presa da onda, os ventos me arremessam para a praia. Isto te peço, pela agradável luz do céu e pelos ares, por teu pai e pela esperança de Iulo que cresce, livra-me destes males, ó herói invencível: ou dá meu corpo à sepultura, pois tu podes, e procura o porto de Vélia, ou, se há outro meio, se a deusa tua mãe te indicar um (pois não é, creio, sem a vontade dos deuses que te preparas para atravessar tão grande rio e o mamei do Estige), estende tua mão a um infeliz e leva-me contigo através destas ondas, para que ao menos na morte descanse numa plácida morada”.

Tais eram as palavras que havia pronunciado, quando a sacerdotisa começou: “Donde te vem, ó Palinuro, tão feroz desejo? Tu, que não foste inumado, tu verás as águas do Estige e o rio severo das Eumênides, e, sem para tal haver recebido ordens, abordarás esta margem! Cessa de esperar que consigas, com tuas súplicas, dobrar os juízos dos deuses. Mas ouve e retém estas palavras, consolação para a tua dura desgraça: movidos por prodígios celestes que brilharão ao longe e ao largo pelas cidades, povos vizinhos aplacarão teus ossos, erguer-te-ão um túmulo e lhe levarão honras solenes; o lugar terá eternamente o nome de Palinuro”. Estas palavras baniram os cuidados de Palinuro e expulsaram por algum tempo a dor do seu triste coração: ele se alegra porque uma terra terá o seu nome.

Prosseguem, pois, o caminho começado e se aproximam do rio. Logo que, da onda estúgia, o barqueiro os viu caminhando pela silenciosa floresta, e dirigindo os passos para a margem, por primeiro lhes dirige estas palavras, e livremente os repreende: “Quem quer que sejas, ó tu que te diriges armado para o nosso rio, dize já a que vens, e detém teus passos. Este é o lugar das Sombras, do Sono e da Noite soporífera; não é permitido transportar na barca estúgia corpos vivos. Na verdade, não estou satisfeito de ter acolhido no lago o neto de Alceu que ia aos Infernos, nem Teseu e Piríto, posto que fossem descendentes dos deuses e de forças invencíveis. Aquele pôs em cadeias, com a sua mão, o guarda do Tártaro e o arrancou, tremendo, do trono do próprio rei; os dois outros experimentaram raptar a soberana do leito de Dite”.

A sacerdotisa anfrísia lhe respondeu brevemente: “Nós não temos tais desígnios pérfidos; deixa de estar em cuidado; estas armas não trazem violência: o ingente porteiro

pode à vontade, do fundo do seu antro, ladrar eternamente e aterroriza as Sombras exangues; a casta Prosérpina pode habitar a morada do seu tio. O troiano Enéias, insigne pela piedade e pelas façanhas, desce para ver seu pai entre as sombras profundas do Erebo. Se o exemplo de tal piedade não te comove, reconhece, ao menos, este ramo”. E ela lhe mostra o ramo que estava escondido sob suas vestes. O coração de Caronte, tímido de cólera, então se acalma. Ela nada mais diz; ele, admirando o venerável dom do ramo fatal, que não via há muito tempo, volta para eles a popa sombria e se aproxima da praia. A seguir, afasta as outras almas, que estavam sentadas ao longo dos bancos, esvazia o convés e recebe no seu bojo o enorme Enéias. A frágil barca gemeu sob o peso, e, pelas fendas, recebeu muita água da lagoa estúgia. Enfim expõe, são e salvo, além do rio, a sacerdotisa e o guerreiro, sobre o limo informe e entre o verde morraçal.

Lá estão os remos que o enorme Cérbero abala com o ladrar da sua tríplice goela; o monstro está deitado no antro, em frente da margem. A sacerdotisa, vendo já seu pescoço se eriçar de serpentes, lança-lhe um bolo soporífero composto de mel e de grãos preparados; o animal, com fome devoradora, abre suas três goelas e engole o que lhe lançam, estende-se no solo e com seus costados imensos enche todo o antro. Enéias apressa-se a transpor a entrada, enquanto o guardião está sepulto no sono, e se afasta rapidamente da margem de onda irremeável.

Repentinamente ouviram-se vozes, e um enorme vagido: almas infantis que choravam, as quais, no limiar da existência, sombrio dia arrancou sem que tivessem conhecido a doçura da vida, roubadas ao seio materno para serem mergulhadas na morte cruel. Perto delas, os inocentes, que foram condenados à morte por erro. Esses lugares não são determinados sem tribunal tirado à sorte, nem sem juizes: Minos, como juiz, agita a urna; é ele que convoca a Assembléia dos Silenciosos e que inquire da sua vida e dos seus crimes. Depois, ao lado, estão, acobardados de tristeza, aqueles que sem ter feito nenhum mal se suicidaram com sua própria mão, e que, odiando a luz, rejeitaram a vida. Como eles quereriam agora, sob o éter elevado, sofrer a pobreza e os duros trabalhos! O destino a isto se opõe, e o pântano odioso de onda triste os prende e o Estige dividido em nove braços os aprisiona.

Não longe dali se estendem por todos os lados os campos das Lágrimas: assim são chamados. Lá, aqueles que um duro amor devorou numa cruel consumpção, encontram, afastados, veredas que os escondem e florestas de mirtos que os abriga; seus tormentos não os abandonam nem mesmo na morte. Vê, nesses lugares, Fedra e Prócris, e a triste Erifila mostrando as feridas que um cruel filho lhe fez, e Evadne e Pasífae; Laodamia as acompanha, e Ceneu, donzel outrora, agora mulher, é revestido pelo destino com seu primitivo sexo.

Entre estas, a fenícia Dido, sangrando ainda da ferida, errava pela grande floresta; logo que o herói troiano chegou perto dela e a reconheceu, obscura, entre as sombras, como, no começo do mês se vê ou se julga ver a lua entre as nuvens, deixou as lágrimas correrem e lhe diz com doce amor: “Infortunada Dido! era pois verdade que não vivias mais e que, com o ferro na mão, seguiste o partido extremo! Da tua morte, ai de mim! fui eu a causa. Juro pelas constelações, pelos deuses do alto, e por tudo aquilo que há de sagrado nas profundezas da terra, foi, malgrado meu, ó rainha, que abandonei tuas plagas. Não fiz senão obedecer aos deuses, cujas ordens imperiosas me forçam agora a ir por entre estas sombras, por entre estes lugares cobertos de espantosos espinheiros e esta noite profunda. Não poderia crer que minha partida te causaria tão grande dor... Detém-te! Não fujas aos meus olhares! de quem foges? E a última vez que o destino me permite te falar”.

Com tais palavras, Enéias tentava abrandar aquela alma ardente, de torvo olhar, e procurava arrancar-lhe lágrimas. Mas ela, voltando a cabeça, tinha os olhos fixos no solo; seu rosto não se altera com essa tentativa de conversação, como se ela fosse dura pedra ou um alto contraforte do Marpeço. Finalmente retirou-se e fugiu, hostil, para a floresta umbrosa,

onde seu primeiro esposo, Siqueu, corresponde a seus cuidados e partilha seu amor. Enéias, todavia, abalado por essa iníqua desgraça, segue-a ao longe, chorando, e, enquanto ela se afasta, ele dela se compadece.

Dali continua o caminho que lhe foi determinado. Já atingiam os campos mais recuados que, separados, freqüentam os varões ilustres na guerra. Lá lhe saiu ao encontro Tideu, aqui Partenopeu, célebre pelas suas armas, e a imagem do pálido Adrasto. Lá estão os dardânidas tombados na guerra e tão chorados pelo mundo de cima. Em os vendo desfilar a todos, em longa fila, Enéias geme; reconhece Glauco, Medote, Tersíloco, os três filhos de Antenor, Polibetes, consagrado a Ceres, e Ideu, tendo, ainda, as suas rédeas, ainda, suas armas. Essas almas o cercam, à direita e à esquerda, em grande número; não lhes é bastante tê-lo visto uma vez; apraz-lhes até demorar-se, seguir seus passos, informar-se da causa da sua visita. Mas os chefes dos dânaos e as falanges de Agamenão, apenas perceberam o herói e as suas armas brilhantes, tremeram presa de enorme pavor: uns voltam as costas, como outrora, quando fugiam para seus navios; outros emitem débil grito; o clamor começado expira na boca em vão escancarada.

Lá também ele viu o filho de Príamo, Deífobo, com o corpo todo retalhado, o rosto cruelmente golpeado e ambas as mãos e orelhas arrancadas, as têmporas feridas e o nariz mutilado com horrível ferida. Enéias a custo o reconhece, e ele, trêmulo, esconde suas cruéis feridas; mas aquele o chama com palavras familiares: “Deífobo, poderoso pelas armas, nascido do generoso sangue de Teucro, quem pois ousou infligir-te tão cruel suplício? Quem assim te pôde tratar? Ouvi dizer, na última noite de Tróia, que, cansado de uma vasta carnificina, caíras sobre um montão informe de cadáveres. Então eu mesmo levantei um túmulo vazio sobre a margem do Reteu, e três vezes, em altos brados, invoquei teus Manes. Teu nome e tuas armas consagram aquele lugar; mas a ti, meu amigo, não pude encontrar nem te depositar, ao partir, na terra da pátria”. O filho de Príamo lhe responde: “Nada esqueceste, meu amigo; cumpriste todas as obrigações para com Deífobo e para com a sombra do seu cadáver. Mas meu destino e o crime da lacônia me mergulharam neste abismo de males: eis a lembrança que ela me deixou. Em que enganosas alegrias passamos a noite suprema, tu o sabes, e é muito necessário que nos lembremos! Quando o fatal cavalo galgou a alta Pérgamo e para ela conduziu a infantaria armada que seus flancos guardavam, ela, simulando um coro, conduzia à volta do cavalo as mulheres frígias que celebravam as orgias; no meio delas, segurava um grande facho e chamava os dânaos do cume da cidadela. Estava, então, acabrunhado de pesares e oprimido pelo sono; estendido sobre meu infeliz leito, dormi, invadido por doce e profundo repouso, muito semelhante à tranqüila morte. Durante esse tempo minha excelente esposa retira todas as armas do palácio, depois de ter levado da cabeceira do meu leito minha fiel espada. Chama Menelau para dentro do palácio e lhe abre as portas, esperando sem dúvida que essa bela ação seduziria o homem que a amava, e que assim poderia apagar a lembrança do antigo adultério. Que direi? Eles precipitam-se para o meu aposento, e um companheiro a eles se junta, o instigador de crimes, o neto de Éolo. Ó deuses, renovai esses horrores contra os gregos, se é com piedosa boca que reclamo vingança! Mas tu, dize-me, por tua vez, que acontecimentos te trouxeram vivo a este lugar? Porventura vens trazido pelos cursos errantes do mar ou por conselho dos deuses? Ou que outra desgraça te persegue para que afrontes estas tristes moradas sem sol, estes lugares sombrios?”

Durante essa troca de palavras, a Aurora com a sua quadriga cor-de-rosa atravessara, no seu curso etéreo, a metade do céu; e certamente passariam todo o tempo concedido a prolongar tal conversa, se a Sibila, sua companheira, não advertisse o herói e não lhe dissesse brevemente: “A noite está caindo, Enéias, e nós passamos as horas a chorar. Este é o lugar onde o caminho se bifurca para ambas as partes; o caminho à direita é o que vai dar nas muralhas do grande Dite: é o caminho dos Elísios, é o nosso; mas o caminho à esquerda

conduz ao Tártaro ímpio, onde os maus são punidos”. Deífobo, em resposta, diz: "Não te irrites, grande sacerdotisa; afastar-me-ei; completarei o número das sombras e reentrarei nas trevas. Vai, nossa glória, vai, segue melhores destinos”. Nada mais disse e com essas palavras se afastou.

Subitamente Enéias olha para trás e vê à esquerda, ao pé dum rochedo, largas muralhas circundadas por tríplice muro. Um rio rápido, o Flegetonte do Tártaro, as rodeia com chamas torrenciais e rola retumbantes rochedos. Em frente, uma enorme porta e colunas de sólido diamante, tais que nenhuma força humana, nem os próprios celícolas as podem derrubar. Uma torre de ferro se ergue nos ares, e Tisífone aí vigia, com a veste ensangüentada apanhada, guardando o vestíbulo noite e dia, sem dormir. Dali se ouvem gemidos, terríveis chicotadas, depois o ruído estridente do ferro e o arrastar de cadeias. Enéias parou e, atônito, escutou o barulho: “Que espécie de crimes aqui é punida? ó virgem, diz-me; quais são os castigos que aí se infligem? Que grande lamento é este que sobe aos meus ouvidos?” Então a sacerdotisa lhe responde: “Chefe ilustre dos teucros, não é permitido a nenhum homem transpor o limiar do crime; mas Hécate, em me confiando a guarda dos bosques sagrados do Averno, me instruiu ela mesma a respeito das penas estabelecidas pelos deuses e me conduziu por toda parte. O gnóssio Radamanto exerce nesses lugares o seu muito duro poder; tortura os fraudulentos e os obriga a confessar os crimes de que se gabam em vão de haver escondido dos mortais e cuja expiação diferiam até a hora tardia da morte. Imediatamente, armada de vergalhos, a vingadora Tisífone, saltando sobre os culpados, os flagela, e, com a mão direita, brandindo contra eles ameaçadoras serpentes, chama a feroz caterva de suas irmãs. Somente então, abrem-se as portas sagradas, rangendo na couceira com horrível ruído. Vês qual é a guarda que está assentada no vestíbulo? Lá dentro, mais feroz ainda, tem assento uma hidra monstruosa, de cinqüenta goelas negras e hiantes. Logo depois o próprio Tártaro se abre e se estende pelo império das sombras, duas vezes tão profundo quanto o espaço que o olhar alcança do céu até o etéreo Olimpo. Lá, a antiga raça da Terra, os Titãs, derrubados pelo raio, revolvem-se nas profundezas do abismo. Lá, também, vi os dois filhos de Aloeus, os Aloídas, monstruosos gigantes que tentaram forçar o grande céu com suas mãos e expulsar Júpiter do reino do céu. Vi, ainda, Salmoneu sofrer cruéis castigos; imitando os raios de Júpiter e o estrondo do Olimpo, tirado por quatro cavalos e agitando a tocha, atravessava, como triunfador, por entre os povos dos gregos e da sua cidade no meio da Élide e reclamava para si as honras dos deuses; louco! Cria que conduzindo por uma ponte de bronze os cavalos de cascos retumbantes imitava as procelas e o raio inimitável! Mas o pai onipotente lançou do seio das nuvens espessas, não brandões, não fachos de fumarentos tições, mas um raio, e o precipitou num monstruoso turbilhão. E era também para ver Tício, rebento da Terra, mãe de todas as coisas, cujo corpo cobre nove jeiras inteiras: um monstruoso abutre de bico recurvo roendo seu fígado imortal e suas entranhas fecundas em suplícios, aí escava a fim de encontrar alimento, e habita sob seu profundo peito e não dá tréguas às fibras sempre renascentes. Para que lembrarei os Lápitidas e Ixião e Piríto? Uns rolam ingente rochedo ou pendem, esquartejados, dos raios de uma roda; o infeliz Teseu está assentado e assentado permanecerá eternamente; Flégias, o mais desgraçado, adverte a todos e os toma por testemunha com a sua voz imensa, na sombra: ‘Aprende, pelo meu exemplo, a respeitar a justiça e a não desprezar os deuses!’ Sob sua cabeça, negra rocha ameaça rolar e parece prestes a cair. Sobre altos leitos de festa luzem as cabeceiras de ouro, e alimentos estão dispostos sob seus olhos com luxo real; mas a mais idosa das Fúrias está deitada a seu lado e lhe impede pôr a mão na mesa, ergue-se brandindo sua tocha e faz ouvir o trovão da sua voz. Lá se encontram aqueles que durante a vida odiaram os irmãos, espancaram os pais ou enganaram a boa fé de um cliente; aqueles (e o número é considerável) que juntaram as riquezas para eles somente acumuladas e não deram uma parte ao próximo; aqueles que foram mortos por causa de adultério e aqueles que, seguindo ímpias

armas, não temeram trair o juramento feito aos seus senhores: todos, lá aprisionados, esperam o castigo. Não procures saber qual é este castigo nem que forma de crime ou que destino mergulhou os homens nestes tormentos. Aquele vendeu sua pátria por ouro e lhe impôs um senhor todo-poderoso; aquele outro, mediante certa soma, estabeleceu leis e aboliu-as; aquele outro penetrou na alcova da filha e consumou um himeneu interdito. Todos ousaram crimes monstruosos e realizaram sua audácia. Não, mesmo que tivesse cem línguas e cem bocas e uma voz de ferro, não poderia enumerar todas as formas de crime, passar em revista todos os nomes dos suplícios”.

Depois que pronunciou estas palavras, a velha sacerdotisa de Febo continuou: “Mas vamos, prossegue tua rota e conclui o que empreendeste com o meu favor; apressemo-nos; já vejo os muros saídos das forjas dos Ciclopes, e as portas com a abóbada fronteira, onde nos cumpre depositar estes presentes

Tinha dito; e, caminhando a par através das trevas da rota, atravessam rapidamente o espaço intermediário e se aproximam das portas. Enéias ocupa a entrada e borrifa com água fresca o seu corpo e fixa o ramo no limiar que lhe está fronteiro.

Terminados estes deveres e oferecido o presente à deusa, chegam às ridentes paragens, aos frescos vergéis de árvores deliciosas e às habitações dos bem-aventurados. Éter mais rico reveste esses lugares de luz de púrpura. As sombras aí têm o seu sol e suas constelações. Um, sobre a relva, exercem seus membros na palestra, medem suas forças no jogo e lutam sobre a areia fulva; outras batem a terra em coros cadenciados e cantam versos. O sacerdote da Trácia, com longas vestes, faz soar harmoniosamente as sete notas do canto e faz a lira vibrar, ora sob seus dedos, ora sob o plectro de marfim. Lá se encontra a antiga descendência de Teucro, magnífica posteridade, heróis magnânimos nascidos em anos melhores: Ilo, Assáraco e Dárdano, fundador de Tróia. Enéias admira, de longe, as armas e os carros sem consistência dos guerreiros; as lanças estão pregadas na terra e os cavalos pascem aqui e acolá. Aqueles que gostaram de carros enquanto vivos, e de armas, aqueles que gostaram de apascentar os nédios cavalos, conservam o mesmo gosto descidos sob a terra. Eis que vê outros à direita e à esquerda banqueteados na erva e cantando em coro alegre peã, no meio de um bosque odorífero de loureiros, donde o rio Erídano, que rola suas águas abundantes através da floresta, sai para ascender à superfície da terra. Lá se achava um esquadrão de guerreiros, cobertos de feridas que sofreram combatendo pela pátria, e os sacerdotes que, durante a vida, observaram os ritos; os poetas piedosos, cujos versos foram dignos de Febo; e aqueles que embelezaram a vida por meio de seus inventos e artes; e aqueles que por seus serviços mereceram viver na memória dos outros. Todos têm as têmporas cingidas com fitas cor de neve. A Sibila dirige-se a essas Sombras espalhadas ao seu redor, e sobretudo a Museu, pois ela o via cercado de numerosa multidão que ele ultrapassava com seus altos ombros: “Dizei, ó almas felizes, e tu, ó ótimo vate, que região, que lugar ocupa Anquises? Viemos por causa dele e passamos os grandes rios do Erebo”. Então o herói lhe responde assim em poucas palavras: “Ninguém aqui tem residência fixa; habitamos os bosques sombrios, as ribanceiras dos rios e as frescas praias regadas pelos regatos. Mas, se tal é a vontade de vossos corações, subi este cabeça e logo vos porei em fácil atalho”. Tinha dito e, avançando na frente, mostra-lhes os campos brilhantes; descem logo do cume da eminência.

Entretanto o venerável Anquises, no fundo de um vale verdejante, contemplava com terno interesse as almas que lá estavam encerradas e que deveriam vir à luz de cima; e justamente ele contava o número dos seus caros descendentes, seus destinos, sua fortuna, seus caracteres, suas façanhas. E logo que viu Enéias dirigindo-se do lado oposto, através dos relvados, alegre, levantou para o céu ambas as palmas das mãos; lágrimas banharam-lhe o rosto e sua boca deixou cair estas palavras: “Enfim vieste, e tua piedade, há tanto esperada pelo teu pai, triunfou da dura viagem! É-me dado contemplar teu rosto, ó filho, ouvir e fazer

ouvir estas palavras familiares! Na verdade, tinha tal esperança no coração e contava o tempo gozando o futuro; minha solicitude não foi enganada. Que de terras, que de imensos mares atravessaste antes de chegar até mim! por quão grandes perigos foste perseguido, ó filho! Quanto temi que os remos da Líbia te fossem nocivos!” Enéias, porém, retruca-lhe: “É a tua imagem, meu pai, é a tua triste imagem, que, oferecendo-se a mim freqüentemente, me força a transpor o limiar destes lugares. Minha frota está ancorada no mar Tirreno. Permite, ó pai, permite que aperte tua mão direita e não te afastes de meu abraço”. Assim falando, grossas lágrimas corriam-lhe pelas faces; três vezes tentou lançar os braços em volta do pescoço do pai, três vezes a imagem escapou-se das suas mãos, semelhante aos ventos ligeiros e semelhante a um sonho alado.

Entretanto Enéias vê num vale um bosque separado e arvoredos cujos ramos farfalhavam, e o rio Letes que banha aquela aprazível região. Em volta desse rio agitavam-se nações e povos incontáveis; bem como quando as abelhas, num sereno dia de verão, pousam nas flores e se espalham em volta dos cândidos lírios, todo o campo murmura com o zumbido dos insetos. Enéias pasma a essa súbita vista, e se informa da causa daquele mistério: que rio é aquele que se estende ao longe? quem são os homens que cobrem, com sua longa fila, as praias? Então o pai Anquises lhe diz: “As almas, às quais são devidos pelo destino outros corpos, bebem na onda do rio Letes as águas quietas e os longos olvidos. Há muito tempo, na verdade, desejo te referir e pôr sob teus olhos e te enumerar toda esta descendência dos meus, para que rejubiles comigo de antemão por haver encontrado a Itália”. “Ó meu pai, é pois crível que as almas subam daqui ao ar, em direção do céu, e voltem, novamente, ao peso dos corpos? Que desejo insensato é este de luz que se apodera desses infelizes?” “Na verdade, eu te direi, meu filho, não te deixarei duvidoso”, retorna Anquises, e lhe desvenda, ordenadamente, cada segredo. “No princípio um sopro vivifica interiormente o céu, a terra, as líquidas planícies, o globo luminoso da lua e o astro de Titá, e o espírito, espalhado pelos membros do mundo, move a massa inteira e se mistura com este grande corpo. Daí provém a raça dos homens, a dos animais e a vida das aves, e os monstros que o mar encerra sob sua superfície marmórea. Há nessas sementes de vida vigor ígneo e origem celeste, enquanto corpos nocivos não os contrariem e partes corporais e membros perecíveis não lhes tolham as funções. Daí nascem os temores e os desejos, as dores e as alegrias, e não distinguem mais as brisas do céu, fechados que estão nas suas trevas e na sua cega prisão. Além disso, logo que o dia supremo da vida deixou o corpo, os infelizes não estão de todo desembaraçados do mal e de todas as misérias corporais, e o mal que longo tempo se acumulou no fundo deles mesmos, necessariamente cresce, de maneira extraordinária. Por isso são castigadas com penas e sofrem os castigos dos antigos males: umas, suspensas ao ar, são abertas ao sopro dos ventos ligeiros; outras lavam no fundo de um golfo o crime com o qual foram manchadas, ou são depuradas pelo fogo. Cada um de nós sofre os seus Manes; a seguir somos enviados para o amplo Elísio, cujas ridentes campinas em número pequeno nós ocupamos. Finalmente, depois que um longo dia, volvido o círculo dos tempos, apagou a mancha profunda e purificou a origem celeste, faísca do sopro primitivo; quando todas essas almas viram rodar a roda durante mil anos, o deus os chama em longas filas para as bordas do rio Letes, a fim de que esqueçam o passado e tornem a ver as abóbadas do alto, e comecem a querer voltar para corpos.”

Anquises acabara de falar; conduz seu filho, assim como a Sibila, para o meio dos grupos e da multidão burburinhante, e se colocam numa eminência, donde o herói possa ver a todas e passar em revista a longa fila sob seus olhos e conhecer seus rostos ao passarem. “Agora te direi que glória aguarda no porvir a raça de Dárdano, que netos de raça itálica te são reservados, almas ilustres e que devem revestir nosso nome; revelarei teus destinos. Aquele jovem, vês, que se apóia numa lança sem ferro, a sorte lhe concedeu o lugar mais vizinho da luz; sairá por primeiro para os sopros do éter, de sangue italiano misturado ao

nosso: é Sílvio, nome albano, teu último filho; tua esposa, Lavínia, to dará tardiamente, no fim da tua longa idade; ela criará nos bosques esse rei, pai de reis, do qual nossa família descenderá e dominará em Alba Longa.

Aquele que está bem perto dele é Procas, honra da nação troiana; e Cápis e Númitor e aquele que fará reviver teu nome, Sílvio Enéia, igualmente admirável pela piedade e pelas armas, se algum dia obtenha reinar sobre Alba. Que jovens! que força mostram! olha como suas fronteiras estão cingidas com o carvalho cívico. Esses aqui te fundarão Nomento e Gábios e a cidade de Fidena; aqueles lá fundarão sobre montanhas a cidadela de Colácia, a cidade dos pomécios e a fortaleza de Ínuo, Bola e Cora: tais serão os nomes dessas terras, hoje sem nome.

E depois, a seu avô se unirá Rômulo, filho de Marte, o qual sua mãe Ília dará à luz, do sangue de Assáraco. Vês como duas plumas se elevam sobre a sua cabeça, e como o próprio pai dos deuses superiores o consagra já com a sua própria insígnia? É sob seus auspícios, meu filho, que aquela ilustre Roma igualará seu império à terra, sua alma ao Olimpo, e com uma só muralha cercará sete colinas. Cidade fecunda em heróis! Tal como a Mãe Berecintia, levada sobre o seu carro e coroada de torres, atravessa as cidades frígias, feliz por ter gerado filhos dos deuses, e abraçando cem netos, todos habitantes do céu, todos ocupando as alturas superiores.

Volta, agora, teus olhares para aqui: olha esta nação; são os teus romanos. Este aqui é César e toda a descendência de Iulo, destinada a vir sob a grande abóbada do céu. Este é César Augusto, filho dum deus, que tantas vezes ouviste ser-te prometido; de novo há de trazer ao Lácio séculos de ouro, por entre as campinas outrora governadas por Saturno; estenderá seu império mais longe que o país dos garamantes e dos indianos, sobre as terras que se estendem além das constelações, além das rotas do sol e do ano, e onde Atlas que carrega o céu gira sobre suas espáduas o eixo do mundo semeado de estrelas luzentes. Desde agora, ao ruído de sua chegada, os remos cáspios tremem só com os oráculos dos deuses, e a terra meótica e as bocas do Nilo de sete braços. Nem sequer Alcides percorreu tantas terras, ainda que tenha ferido a corça de pés de bronze, pacificado os bosques de Erimanto, e tenha feito tremer Lema com seu arco; nem Líber, que conduz, vencedor, sua carruagem com rédeas de pâmpanos, conduzindo seus tigres do alto cume do Nisa. E nós hesitamos ainda a estender nossa glória por meio de altos feitos? e o temor nos impede que nos instalemos na terra da Ausônia?

Quem é aquele homem, ao longe, assinalado por ramos de oliveira e que traz objetos sagrados? Reconheço a cabeleira e a barba encanecida do rei romano que fortalecerá a cidade primitiva com leis, enviado da pequena Cures e duma pobre terra para governar um grande império.

Aquele que lhe sucederá, Tulo, interromperá o repouso da sua pátria e chamará às armas os soldados entorpecidos na paz e as tropas já desabitadas aos triunfos. Ao seu lado segue seu sucessor, cheio de soberba, Anco, excessivamente sensível ao favor popular. Queres também ver os reis Tarquímios e a alma soberba do vingador Bruto e os fascos reconquistados? Ele será o primeiro a receber o poder de cônsul e as terríveis machadinhas, mas, seus filhos fomentando guerra revolucionária, ele, o pai, os votará ao suplício pela bela causa da liberdade. Infortunado! Qualquer que seja o julgamento que a posteridade fizer desses atos, em ti triunfarão o amor da pátria e o imenso desejo de glória.

Olha, ainda, ao longe, os Décios, os Drusos, Torquato armado de terrível machadinha, e Camilo que torna a trazer os estandartes. Aquelas almas, porém, que vês resplandecer com armas iguais, agora em pleno acordo, enquanto a noite pesar sobre elas, mas, ai! que formidável guerra rebentará entre elas quando tocarem o limiar da vida! quão grandes exércitos! quão grande mortandade farão entre si! O sogro descendo dos contrafortes alpinos e da cidadela de Moneco, o genro apoiado por forças adversas do país da Aurora. Ó rapazes,

não, não acostumeis vossos espíritos a tão grandes guerras; não volteis as forças sólidas da pátria contra as suas próprias entranhas! E tu, o primeiro, tu que tiras tua origem do Olimpo, poupa-a, lança fora da mão as armas, ó meu sangue!...

Aquele, vencedor de Corinto, conduzirá seu carro sobre as alturas triunfais do Capitólio, ilustre para sempre por causa do massacre dos aqueus. Aqueloutro destruirá Argos e a Micenas de Agamenão e o próprio Eácida descendente de Aquiles poderoso pelas armas, vingando seus antepassados de Tróia e o templo ultrajado de Minerva. Quem poderia, ó grande Catão, ou tu, Cosso, vos não mencionar? Quem poderia esquecer a família dos Gracos, ou aqueles dois raios de guerra que foram os dois Cipiões, flagelo da Líbia, ou Fabrício, glorioso pelas suas pequenas posses, ou tu, Serrano, semeando teu campo? Fatigado, para onde me levas, Fábio? Tu, famoso Máximo, és o único que, sozinho, em temporizando, nos restabeleceste a república.

Outros saberão, com mais habilidade, abrir e animar o bronze, creio de boa mente, e tirar do mármore figuras vivas, melhor defenderão as causas e melhor descreverão com o compasso o movimento dos céus e marcarão o curso das constelações: tu, romano, lembra-te de governar os povos sob teu império. Estas serão tuas artes, impor condições de paz, poupar os vencidos e dominar os soberbos.”

Assim falou o pai Anquises; e ajuntou estas palavras para seus ouvintes maravilhados: “Olha como Marcelo avança, assinalado pelos despojos opimos, e como esse vencedor ultrapassa a todos os heróis! É ele que, na perturbação de um grande tumulto, manterá o poder romano, e, cavaleiro, aterrará os púnicos e o gaulês rebelde e suspenderá ao pai Quirino a terceira armadura arrebatada ao inimigo”.

E então Enéias o interrompe, pois ele via aproximar-se com Marcelo um jovem notável pela beleza e pelas armas replandecentes, mas com a fronte pouco alegre e com os olhos tristes e baixos: “Quem é, meu pai, aquele que acompanha assim o herói na sua marcha? É seu filho ou algum dos netos que descendem da sua grande estirpe? Que murmúrio lisonjeiro fazem os companheiros que o cercam! Que majestade a sua! Mas a noite sombria voa ao redor da sua cabeça com triste sombra”. Então o pai Anquises, derramando lágrimas, começa: “Ó meu filho, não procures conhecer o enorme luto dos teus. Aquele lá, os destinos o mostrarão somente à terra e não permitirão que ele exista por muito tempo. A raça romana vos pareceu muito poderosa, deuses do alto, se esses dons fossem duráveis. Quão grandes gemidos de homens levantará aquele campo famoso, vizinho da grande cidade de Marte! E tu, deus do Tibre, que funerais verás quando correres diante da sua tumba recente! Nenhum filho da raça de Ilião jamais levará tão alto a esperança de seus antepassados latinos; jamais a terra de Rômulo se orgulhará tanto de um dos seus rebentos. Ai de mim! piedade! Ai de mim! antiga honra, direito que a guerra jamais venceu! Ninguém impunemente se teria oposto a ele quando, a pé, marchava contra o inimigo, ou quando picava com as esporas os flancos do cavalo espumante! Ai de mim! jovem digno de compaixão, pudesses tu romper os rigorosos destinos! Tu serás Marcelo. Lançai-lhe lírios a mancheias, que eu espalharei flores vermelhas, que eu encha, ao menos, com essas oferendas a alma do meu neto, e me desobrigue de uma vã homenagem!”

E assim que eles erram aqui e acolá por toda a região, através dessas largas planícies nebulosas, e dirigem seus olhares para toda parte.

Depois que Anquises conduziu seu filho a todos os lugares e lhe acendeu o ânimo com o amor da fama que há de vir, fala-lhe então das guerras que terá de sustentar, faz-lhe conhecer os povos laurentes e a cidade de Latino e como poderá evitar ou suportar cada uma das provas.

Há duas portas do Sono: uma, diz-se, é de chifre, pela qual as Sombras verdadeiras encontram saída fácil; a outra, brilhante, feita de marfim refulgente de brancura, mas pela qual os Manes enviam para o céu os sonhos falsos. Anquises, sempre falando, acompanha seu

filho assim como a Sibila e os faz sair pela porta de marfim. O herói corta o caminho para as suas naves e reúne-se aos companheiros. Depois, bordejando a costa, dirige-se para Caiete. A âncora é lançada do alto da proa; as popas estão na praia.